Capítulo 1

De madrugada, um automóvel novo de luxo, Mercedes-Benz último modelo rodava em alta velocidade pelas ruas desertas da cidade, fazia curvas "cantando pneu", como se diz. O motorista estava embriagado.

O Mercedes-Benz de cor verde passou por baixo de um viaduto – toda a área era tomada por viadutos, elevados que se entrecruzavam, iam e vinham em todas as direções.

A pista seguia por um trecho por baixo de uma dessas construções de cimento, pedra, ferro e areia. O motorista do Mercedes-Benz verde diminuiu um pouco a velocidade, mas ainda era excessiva.

A certa altura, ele divisou, à luz dos faróis, um vulto cambaleante, lá na frente, um homem, talvez tão bêbado quanto ele, ia a pé na mesma direção que ele, só que ele dificilmente andava a pé – a não ser dentro de casa.

Diminuiu ainda mais a velocidade. Observou com mais atenção o vulto. Não havia mais ninguém nas imediações, e tampouco passavam outros veículos pelo local, a essa hora morta da madrugada, um silêncio impressionante por toda parte.

O motorista do Mercedes-Benz olhava para as costas de um homem magro, de altura média, mal vestido, sujo e andrajoso, que caminhava à beira da pista, não propriamente na pista, mas paralelamente a ela, por uma espécie de calçada. E seu passo era vacilante, como se estivesse embriagado.

O motorista do Mercedes-Benz diminuiu bastante a velocidade, agora, a uma curta distância do homem magro e maltrapilho, de ombros encurvados que caminhava adiante, a uns dez metros.

A velocidade do carro diminiu tanto que se tornou a mesma do homem a pé.

O automóvel seguiu o homem a pé, por alguns metros.

O motorista do Mercedes-Benz pôs farol baixo.

E olhou em volta e não viu ninguém, só o pateta do pé-inchado bêbado adiante dele.

O homem magro olhou para trás duas ou três vezes, talvez o tivesse assaltado alguma suspeita em relação ao automóvel de luxo.

No entanto, quem o iria assaltar, um pobre-diabo como ele? Assaltos eram comuns, mas não se assaltavam indivíduos como ele, indigentes, vagabundos, que não costumavam ter um níquel em seu poder.

De um modo ou outro ele continuou a andar, com seu passo incerto e vagaroso, trôpego e também como se não soubesse muito bem o que fazia ou devia fazer, se continuava a andar ou parava ou talvez devesse seguir outro rumo, sem que essas dúvidas tivessem relação com o carro, eram anteriores a ele.

Detalhe. Todo o tempo o homem caminhou à beira da pista, numa espécie de calçada, que havia, e não pela pista, em nenhum momento ele pisou a pista.

Não importa. Em dado momento, o motorista do Mercedes-Benz acelerou e partiu para cima do pedestre desavisado, subiu na calçada, jogou o carro em cima dele, atropelou-o e aquele homem, ébrio e atacado de forma traiçoeira por um automóvel não teve tempo para nada, não teve a menor chance, mal pôde olhar para trás ao perceber a mudança nos sons, motor roncando mais alto e pneus girando em falso no asfalto.

Era tarde. Viu o carro vindo para cima dele mas não pôde se defender. O carro atropelou-o, jogou-o a distância tamanha a violência do impacto e depois quase passou por cima dele.

Foi uma manobra imprudente e arriscada e na sequência do atropelamento, em alta velocidade e tendo subido com duas rodas na calçada, o motorista do Mercedes-Benz, também em estado de embriaguez, perdeu a direção de seu veículo.

E o carro bateu num dos pilares de sustentação do elevado. O motorista freou antes e desviou, evitando o choque frontal.

Mesmo assim, bateu de lado, o para-lama direito – pouco mais do que um choque de raspão.

Seja como for o carro parou, não pôde continuar.

O motor morreu.

O homem atropelado jazia caído, em baixo do viaduto, na calçada onde foi atropelado, imóvel, em uma poça de sangue.

O motorista do Mercedes-Benz tornou a ligar o carro, deu marcha a ré e já ia partir novamente e seguir seu caminho, certo da impunidade, quando o inesperado aconteceu.

* *

O motorista do Mercedes-Benz chamava-se Maximiliano Hohenzollern, era um rico industrial, um milionário. Tinha 41 anos.

Ele se embriagou, na noite dos acontecimentos, e ficou em estado de fúria. Tal era seu furor que um impulso homicida irreprimível o acometeu e daí que atropelasse o pedestre alcoolizado, na calçada, fez de propósito, queria matar aquele homem, ainda que não tivesse culpa nenhuma de seus problemas, mas era um modo de desabafar, descarregar em alguém sua cólera.

O que melhor do que um assassinato?

Como válvula de escape de uma condição de descontentamento intolerável.

O erro de Hohenzollern foi pensar que não haveria testemunhas de seu crime. Só depois de cometer o crime ele percebeu seu erro. Antes de acelerar e atropelar o homem olhou ao seu redor, em todas as direções e não viu ninguém, seria capaz de jurar que não havia testemunhas, uma única, não havia.

E se enganou, se enganou redondamente, havia duas testemunhas, e não apenas uma.

Quando o carro parou, depois de bater na pilastra, Hohenzollern voltou a olhar em derredor, observando as cercanias, para se certificar da correção de sua conclusão anterior, de que não havia testemunhas. Viu o homem caído, o indivíduo a quem acabava de atropelar e notou que não se mexia. Calculou que estivesse morto, uma poça de sangue em baixo dele.

E continuou a olhar, em todas as direções, enquanto tornava a ligar o carro e dava marcha a ré.

Nos primeiros instantes, não viu nada anormal, não avistou ninguém, não percebeu movimento em parte alguma.

Então, quando já ia seguir seu caminho, convencido da impunidade, percebeu movimento.

Mais dois indivíduos acabavam de surgir por trás de uma daquelas pilastras, muralhas tão sólidas que nem o Super-homem com sua visão de raios-X conseguiria descobrir o que havia atrás delas.

Dois indivíduos tão rotos e esfarrapados quanto o primeiro, a quem Hohenzollern acabava de atropelar.

Hohenzollern não teve dúvida de que os três pertenciam à mesma família, a mesma trupe de indivíduos falidos, fracassados, seres humanos desqualificados que nasciam, viviam e morriam na miséria, nunca eram nada na vida, só vagabundos e mendigos doentes e que davam asco, escória, ralé, bandidos e marginais.

Os dois que acabavam de surgir por trás da pilastra olhavam assustados para o Mercedes-Benz ainda parado mas pronto para partir, viam o homem no interior do carro, ao volante, só havia ele dentro do carro. E olhavam também para o homem que foi atropelado. Ao parecer, ficaram chocados e desconcertados com o que aconteceu, o atropelamento pegou-os de surpresa, como de surpresa pegou o próprio atropelado e a julgar pelas aparências não sabiam o que fazer.

A partir desse momento, em que Hohenzollern fez a descoberta, a terrível

descoberta, o lugar não estava tão deserto quanto pensou, os pensamentos turbilhonaram a mente dele.

O primeiro deles, mais tenebroso, mais assustador do que todos os outros, o principal, mais importante: os dois vagabundos foram testemunhas de seu crime, assistiram ao atropelamento proposital, ocultos atrás da pilastra e espiando ao redor dela.

Seguiam-se alguns pensamentos dedutivos. Eles viram o que se passava e sabiam o que viram, compreenderam a natureza das ações, o movimento do carro, o atropelamento, atropelamento de um inocente na calçada. Os dois vagabundos sabiam que foi intencional, viram o Mercedes-Benz diminuir a velocidade, seguir o homem que cambaleava pela calçada, subir de propósito na calçada e atropelar de propósito aquele homem.

Se o homem estava morto foi um homicídio doloso.

Caso ainda estivesse vivo e escapasse seria só uma tentativa de homicídio, crime menos grave.

De um modo ou outro, os dois vagabundos deviam nesse momento estar memorizando a placa do carro – um decorava a metade e o outro a outra metade, ocorreu a Hohenzollern, pois não deviam ter boa memória, destruída pelo álcool.

Na opinião dele todos os três homens, que pertenciam ao mesmo grupo de pessoas, vagabundos sem teto, a chamada população de rua, viviam por ali mesmo, eram habitantes do vão sob o mesmo viaduto, com toda certeza aqueles dois conheciam o terceiro, que foi atropelado e isso podia ter consequências.

Tais as deduções de Hohenzollern.

E continuou.

Caso houvesse uma investigação policial, a polícia podia descobrir que havia testemunhas. Podia chegar às testemunhas, aqueles dois vagabundos. E se os dois Sem Teto depusessem em um tribunal ele podia ter

problemas, podia ser acusado de assassinato ou tentativa de homicídio.

Ele saltou do carro de arma na mão, um revólver.

"Mortos não falam", disse de si consigo Hohenzollern.

* *

Capítulo 2

Foi pior a emenda do que o soneto. Se os dois homens esfarrapados já estavam assustados, apavoraram-se – um homem saltou do carro de revólver em punho e avançou em direção a eles, e acabava de atropelar uma pessoa, outro homem, de propósito, por maldade.

Eles bateram em retirada. Fugiram.

Hohenzollern foi atrás deles. Tentou localizá-los em meio ao labirinto de escombros, lixo deixado ali pelos mendigos e

os construtores do viaduto, carcaças de automóveis abandonados, pilastras e outros empecilhos.

O industrial não sabia mais o que estava fazendo. Já saiu de casa desatinado, acabou de perder o controle em baixo do viaduto e atropelou um transeunte, um pedestre inocente, um pobre-diabo, propositalmente, com o desejo de matar. Perseguir os mendigos de arma na mão foi outro erro – o desespero de Hohenzollern chegou ao limite quando avistou um dos fugitivos.

Sem pensar, apontou o revólver e atirou.

Deu mais tiros, tentando alvejar os fujões.

Era escuro em baixo do viaduto e Hohenzollern perdeu de vista a dupla de vagabundos. Ignorava se algum de seus tiros havia acertado o alvo. Ele avistou mais gente, um grupo de mendigos e vagabundos acampados, havia inclusive mulheres e crianças e Hohenzollern sentiu medo. Não

daria conta de atirar em todas aquelas pessoas – sem contar que foi um erro atirar contra as testemunhas, como foi um erro atropelar o passante.

Mas ele não sabia o que fazia, fora de si.

Voltou para o carro e tentou raciocinar. Guardou o revólver no porta-luva, de onde o tirou.

Seu olhar esgazeado percorria os arredores, tentando encontrar mais inimigos, descobrir novas ameaças.

Só via o homem caído na calçada, numa poça de sangue, ainda imóvel.

Examinou os estragos no para-lama do carro.

Hohenzollern chegou nesse momento à conclusão de que a agonia havia passado e começava a raciocinar com mais clareza, com um pouco mais de lucidez.

Tornou a olhar para o vulto caído.

Foi até lá, examinou o homem.

Ainda estava vivo.

E o raciocínio embotado de Hohenzollern, malgrado a opinião dele de que tinha o domínio de sua mente, indicou ao industrial que o melhor a fazer, depois de ter-se complicado tanto, seria socorrer a vítima. Deixar de prestar socorro a vítimas de um acidente de trânsito agravava a infração, e pelo menos disso não o poderiam acusar, de ter deixado de prestar socorro à vítima.

Claro que alegaria ter havido um acidente.

Se as testemunhas aparecessem, ou se o homem contasse outra estória, caso sobrevivesse… Seu advogado lhe diria o que fazer.

Chegou a pensar em acabar de matar o homem, passar com o carro por cima dele para que não contasse outra estória.

Mas desistiu.

Talvez estivesse mesmo um pouco mais lúcido. E decidiu não fazer mais essa estupidez.

Puxou o homem pelas axilas, levou-o até o carro. Abriu a porta de trás e o

acomodou no banco traseiro. Tornou a fechar a porta.

Hohenzollern voltou a sentar-se ao volante do carro, mais uma vez deu partida, arrancou e se retirou do local.

Levou o ferido a um hospital.

* *

A caminho do hospital, Hohenzollern teve uma última de suas ideias brilhantes – pensou em ligar para Jefferson, seu motorista, e oferecer a ele dinheiro para tomar seu lugar.

Felizmente, o bom senso o acudiu, nessa hora de aflição, Hohenzollern compreendeu que os contras superavam os prós e desistiu de mais esta insensatez.

De início, chamar o motorista para trocar de lugar com ele atrasaria o transporte do ferido para o hospital, com consequente agravamento do estado dele, podendo